

LUIZ FRANCISCO REBELLO

# TUDO O TEATRO

II



BIBLIOTECA DE AUTORES  
PORTUGUESES

*Título:* Todo o Teatro  
Vol. II  
*Autor:* Luiz Francisco Rebello  
*Edição:* Imprensa Nacional - Casa da Moeda  
*Concepção gráfica:* Departamento Editorial da INCM  
*Capa:* desenho de Catarina Rebello para a edição  
de 1970 de *É Urgente o Amor*  
*Tiragem:* 800 exemplares  
*Data de impressão:* Setembro de 2006  
*ISBN:* 972-27-1476-7  
*Depósito legal:* 135 779 / 99

**LUIZ FRANCISCO REBELLO**

**TUDO O TEATRO**

**II**

Prefácio de **ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA**

**IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA**

**LISBOA**

**2006**

## O PARTO DUM PARTIDO

[1975 - 1976]

In Memoriam Artur Ramos

## O PARTO DUM PARTIDO

*farsa pluripartidária em 1 acto*

### PERSONAGENS

O SECRETÁRIO-GERAL  
O OUTRO DIRIGENTE  
TERCEIRO DIRIGENTE  
BARTOLOMEU DIAS FERNANDES  
FUNCIONÁRIA  
JOVEM MILITANTE  
1.º CAMPONÊS  
2.º CAMPONÊS

*Estamos no gabinete do Secretário-Geral de um partido político que em relação à esquerda se situa à direita e em relação à direita se situa à esquerda. Esta fórmula aparece, aliás, com variantes, em diversos cartazes colados nas paredes. Outros cartazes contêm dísticos como: «O Mundo Livre Está Connosco!», «Se Votares em Nós Votas em Ti», «Só se é Livre em Liberdade»... Vêem-se também nas paredes fotografias (ampliadas) de comícios, retratos de um Secretário-Geral triunfante e sorridente, quadros estatísticos, mapas com alfinetes coloridos, etc. Móveis desirmanados, entre os quais duas ou três secretárias, cadeiras, um sofá.*

*Sentado à secretária do centro, o Secretário-Geral, homem rotundo, rondando os 50 anos, bate com os dedos no tampo, impaciente. O Outro Dirigente do partido passeia nervosamente de um lado para outro.*

O SECRETÁRIO-GERAL *(ao fim de um tempo)* — Ó homem, pare! Esteja quieto! Os seus nervos acabam por contagiar-me!

- O OUTRO DIRIGENTE — Desculpe. Mas esta expectativa é enervante...
- O SECRETÁRIO-GERAL — E julga você que eu também não estou preocupado em saber o que se passou? É muito importante para nós recuperar a posição que perdemos nesta região. (*Aproximou-se do mapa e aponta com o dedo.*) Este espaço vazio é um espinho que me atormenta... Chego a ter pesadelos, a acordar a meio da noite com suores frios, obcecado pela ideia de que este vazio alastra e se estende a todo o país...
- O OUTRO DIRIGENTE — Lagarto, lagarto! Isso nem a brincar!...
- O SECRETÁRIO-GERAL (*tornando a sentar-se*) — Não chegaremos nunca a esse extremo, eu sei. Mas os maus exemplos pegam-se. É espantoso como a gente se deixa ir atrás destas balelas!
- O OUTRO DIRIGENTE — Manipulados, é claro...
- O SECRETÁRIO-GERAL — Pois! Manipulados! Mas vão. E se não lhes trocamos as voltas a tempo, são quatro ou cinco por cento de votos que nos fogem... Já vê você que eu não posso estar sereno. Mas procuro dominar-me. Quanto maior é a responsabilidade de um dirigente, mais seguro de si se deve mostrar. Mesmo nos momentos de perigo. Sobretudo nos momentos de perigo!
- O OUTRO DIRIGENTE — Tem razão. Como sempre, aliás. Ao seu tacto, à sua presença de espírito nas situações mais difíceis, é que se deve o nosso partido ser a grande força que é, a única alternativa coerente e eficaz para resolver em liberdade os problemas que afligem o país. (*A expressão «em liberdade» é dita com ênfase especial.*)
- O SECRETÁRIO-GERAL — Deixe-se disso... Não estamos em nenhum comício nem isto é uma conferência de imprensa. Mas essa ideia de alternativa é de aproveitar. Opção é um termo difícil, a maior parte do eleitorado não sabe o que quer dizer. Vá você lá para Trás-os-Montes falar em opção e eles ficam a olhar para si com a cara de parvos que Deus lhes deu e com que hão-de morrer! Em compensação, alternativa é uma palavra que entra nos ouvidos, que se entende logo à primeira... (*Estudando os efeitos possíveis.*) «Nós somos a única alternativa»... «Não há outra alternativa senão votar no nosso partido»... «A alternativa da liberdade»... Não se esqueça de falar nisso ao Vala, o departamento de propaganda pode tirar daí coisas interessantes.

O OUTRO DIRIGENTE — A propósito... Ando há uns tempos para lhe falar nesse assunto. A nossa propaganda precisa de ser... como direi?, dinamizada, modernizada... Os outros partidos mexem-se, inventam novos processos para conquistar adeptos... E nós continuamos agarrados às fórmulas tradicionais, aos velhos chavões... A democracia, a liberdade, o povo... Tudo isso é muito bonito, sim senhor, mas já não leva ninguém atrás... a não ser os saudosistas e os tontos... Estamos na era do *marketing*, dos *mass media*, da informação globalizada. Sabe de quem a gente precisava na propaganda, em vez do Vala? — que é bom rapaz e dedicado, não nego, mas está antiquado. Um Cancela! Um Cancela é que nos faz falta!

O SECRETÁRIO-GERAL (*suspira, céptico*) — Esse... Tão depressa parece estar connosco como logo a seguir nos ataca...

O OUTRO DIRIGENTE — Ou outro como ele! Que diabo! Se somos o partido do progresso e do futuro, temos de rever os nossos métodos, de os tornar igualmente progressistas!

O SECRETÁRIO-GERAL — Progressistas! Você bem sabe que eu engalinho com essa palavra. Grande parte dos que nos apoiam, dos que votam em nós, pertencem a um meio social a quem essa palavra assusta. Que se fale em progresso, está certo, porque o nosso programa aponta para as grandes reformas que estão na base da sociedade do futuro — mas dizer que somos progressistas cheira logo a comunismo, a revolução, e lá se vão os votos de toda essa gente!

O OUTRO DIRIGENTE — Evolução sem revolução, é a síntese do nosso programa.

O SECRETÁRIO-GERAL — Homem, você hoje está inspirado! Essa fórmula parece-me magnífica. O Vala que a aproveite. (*Pausa; reflecte.*) Só tem um inconveniente... Se a adoptarmos, a confiança do eleitorado burguês, e até mesmo certas franjas pequeno-burguesas, fica reforçada. Mas em contrapartida há o perigo de perdermos votos à esquerda... E com os problemas que temos tido dessa banda... Os trabalhadores prendem-se muito às palavras... Se a gente lhes tira a revolução, são capazes de se sentir traídos... Pensando bem, é melhor não dizer nada ao Vala. Por enquanto, é claro! Depois das eleições se verá... (*Pensativo.*) Evolução sem revolução... É isso, é isso mesmo... (*Com um suspiro.*) Que pena não podermos utilizá-la desde já...

- O OUTRO DIRIGENTE — Os revolucionários deram cabo da revolução. Quiseram-na fazer sozinhos, à sua maneira, apropriaram-se dela, tornaram-se os seus exclusivos donos. E a nós deixaram-nos de fora! Quando a revolução tinha de ser feita por todos!
- O SECRETÁRIO-GERAL — É isso! Por todos, e para todos! Que sentido tem, de que serve, uma revolução que só protege os desprotegidos, que retira os privilégios a uns para os dar a outros? Para ficar tudo na mesma, mas ao contrário? *(Levanta-se, a exaltação começa a ganhá-lo, fala em tom declamatório.)* A revolução que o nosso partido preconiza é em benefício de todos e não de uma classe apenas! Nós somos contra os privilégios, mas também somos contra a extinção dos privilégios, porque isso seria ofender os direitos adquiridos! Seria amputar a liberdade dos privilegiados! E nós somos, definitivamente, pela justiça e pela liberdade! Esta é a nossa via original para o socialismo, e por isso... *(aponta um dos cartazes)* o mundo livre está connosco! *(Pausa. Senta-se. Muda de tom.)* Quem não está connosco, e já cá devia estar há muito tempo, é o nosso amigo Bartolomeu Dias Fernandes...
- O OUTRO DIRIGENTE — Oxalá que desta vez consiga também dobrar o cabo da Boa Esperança... E vencer o Gigante Adamastor...
- O SECRETÁRIO-GERAL — O do Adamastor é outro, é o Vasco da Gama. E o gigante que este foi defrontar mete mais respeito do que esse... Porque existe mesmo, não é uma invenção do Camões. *(Toca o telefone. Precipitam-se ambos. É o Secretário-Geral que atende.)* Sim? Não, não está aqui. Está bem, mais tarde. *(Desliga.)* Ainda pensei que fosse o Bartolomeu Dias. Há mais de uma hora que devia ter chegado.
- O OUTRO DIRIGENTE — Estas coisas demoram sempre mais do que se pensa. É um meio difícil, uma gente desconfiada... O Bartolomeu deve ter usado de rodeios... Que nisso ele é mestre!
- O SECRETÁRIO-GERAL — Pudera! Andaram a meter-lhes macaquinhos na cabeça e quando aparece alguém que lhes fala a linguagem da razão e da verdade, claro, não entendem, não querem acreditar... Ai!, o mal que esta revolução fez ao país!... Se tivéssemos sido nós a fazê-la!... *(O telefone volta a tocar, ele atende imediatamente.)* Talvez seja agora. — ... Sou eu, sim. O quê? A televisão alemã? Amanhã? Deixe ver... *(Faz gestos ao Outro, que os não entende. Impacienta-se.)* Isso aí... Essa coisa...